

CARTA A FILEMOM

COMENTÁRIO ESPERANÇA

autor

Hans Bürki

Editora Evangélica Esperança

Copyright © 2007, Editora Evangélica Esperança

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela:

Editora Evangélica Esperança
Rua Aviador Vicente Wolski, 353
82510-420 Curitiba-PR

E-mail: eee@esperanca-editora.com.br
Internet: www.esperanca-editora.com.br

Editora afiliada à ASEC e a CBL
Título do original em alemão

Der zweite Brief des Paulus an Timotheus, die Briefe an Titus und an Philemon

Copyright © 1975 R. Brockhaus Verlag

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bürki, Hans

Cartas aos Tessalonicenses, Timóteo, Tito e Filemom / Werner de Boor, Hans Bürki / tradução Werner Fuchs --
Curitiba, PR : Editora Evangélica Esperança, 2007.

Título original: Der Briefe des Paulus an die Thessalonicher; Der erste Brief des Paulus an Thimotheus; Der
zweite Brief des Paulus an Thimotheus, die Briefe an Titus und an Philemon.

ISBN 978-85-86249-97-6 Capa dura

ISBN 978-85-86249-98-3 Capa dura

1. Bíblia. N.T. Crítica e interpretação

I. Título.

06-2419 CDD-225.6

Índice para catálogo sistemático:

1. Novo Testamento : Interpretação e crítica 225.6

É proibida a reprodução total ou parcial sem permissão escrita dos editores.

O texto bíblico utilizado, com a devida autorização, é a versão Almeida Revista e Atualizada (RA) 2ª edição, da Sociedade Bíblica do Brasil, São Paulo, 1993.

Sumário

ORIENTAÇÕES PARA O USUÁRIO DA SÉRIE DE COMENTÁRIOS

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

Questões Introdutórias

O próêmio da carta – Fm 1-7

1. Remetente – Fm 1a

2. Destinatário – Fm 1b-2

3. Voto de bênção – Fm 3

4. Ação de graças e intercessão – Fm 4-7

O texto da carta: intercessão por Onésimo – Fm 8-22

1. Pedir em lugar de ordenar: por causa do amor – Fm 8s

2. Exposição da mudança de situação – Fm 10-12

3. Retrospecto e nova interpretação do ocorrido – Fm 13-16

4. Pedido a Filemom para que realize mais uma bondade – Fm 17-20

5. Perspectiva confiante para o futuro – Fm 21s

Final da carta

Saudações e voto de bênção – Fm 23-25

Apêndices

1. Quanto à questão do escravismo

2. Bibliografia sobre as cartas a Timóteo, Tito e Filemom

ORIENTAÇÕES

PARA O USUÁRIO DA SÉRIE DE COMENTÁRIOS

Com referência ao texto bíblico:

O texto de Filemom está impresso em negrito. Repetições do trecho que está sendo tratado também estão impressas em negrito. O itálico só foi usado para esclarecer dando ênfase.

Com referência aos textos paralelos:

A citação abundante de textos bíblicos paralelos é intencional. Para o seu registro foi reservada uma coluna à margem.

Com referência aos manuscritos:

Para as variantes mais importantes do texto, geralmente identificadas nas notas, foram usados os sinais abaixo, que carecem de explicação:

TM O texto hebraico do Antigo Testamento (o assim-chamado “Texto Massorético”). A transmissão exata do texto do Antigo Testamento era muito importante para os estudiosos judaicos. A partir do século II ela tornou-se uma ciência específica nas assim-chamadas “escolas massoréticas” (massora = transmissão). Originalmente o texto hebraico consistia só de consoantes; a partir do século VI os massoretas acrescentaram sinais vocálicos na forma de pontos e traços debaixo da palavra.

Manuscritos importantes do texto massorético:

Manuscrito: redigido em: pela escola de:

Códice do Cairo (C) 895 Moisés ben Asher

Códice da sinagoga de Aleppo depois de 900 Moisés ben Asher

(provavelmente destruído por um incêndio)

Códice de São Petersburgo 1008 Moisés ben Asher

Códice n° 3 de Erfurt século XI Ben Naftali

Códice de Reuchlin 1105 Ben Naftali

Qumran Os textos de Qumran. Os manuscritos encontrados em Qumran, em sua maioria, datam de antes de Cristo, portanto, são mais ou menos 1.000 anos mais antigos que os mencionados acima. Não existem entre eles textos completos do AT. Manuscritos importantes são:

- O texto de Isaías
- O comentário de Habacuque

Sam O Pentateuco samaritano. Os samaritanos preservaram os cinco livros da lei, em hebraico antigo. Seus manuscritos remontam a um texto muito antigo.

Targum A tradução oral do texto hebraico da Bíblia para o aramaico, no culto na sinagoga (dado que muitos judeus já não entendiam mais hebraico), levou no século III ao registro escrito no assim-chamado Targum (= tradução). Estas traduções são, muitas vezes, bastante livres e precisam ser usadas com cuidado.

LXX A tradução mais antiga do AT para o grego é chamada de “Septuaginta” (LXX = setenta), por causa da história tradicional da sua origem. Diz a história que ela foi traduzida por 72 estudiosos judeus por ordem do rei Ptolomeu Filadelfo, em 200 a.C., em Alexandria. A LXX é uma coletânea de traduções. Os trechos mais antigos, que incluem o Pentateuco, datam do século III a.C., provavelmente do Egito. Como esta tradução remonta a um texto hebraico anterior ao dos massoretas, ela é um auxílio importante para todos os trabalhos no texto do AT.

Outras Ocasionalmente recorre-se a outras traduções do AT. Estas têm menos valor para a pesquisa de texto, por serem ou traduções do grego (provavelmente da LXX), ou pelo menos fortemente influenciadas por ela (o que é o caso da Vulgata):

- Latina antiga por volta do ano 150
- Vulgata (tradução latina de Jerônimo) a partir do ano 390
- Copta séculos III-IV
- Etíope século IV

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

I. Abreviaturas gerais

AT	Antigo Testamento
cf	confira
col	coluna
gr	Grego
hbr	Hebraico
km	Quilômetros
lat	Latim
LXX	Septuaginta
NT	Novo Testamento
opr	Observações preliminares
par	Texto paralelo
p. ex.	por exemplo
pág.	página(s)
qi	Questões introdutórias
TM	Texto massorético
v	versículo(s)

II. Abreviaturas de livros

Bl-De	<i>Grammatik des ntst Griechisch</i> , 9ª edição, 1954. Citado pelo número do parágrafo
CE	<i>Comentário Esperança</i>
Ki-ThW	Kittel: <i>Theologisches Wörterbuch</i>
NTD	<i>Das Neue Testament Deutsch</i>
Radm	<i>Neutestl. Grammatik</i> , 1925, 2ª edição, Rademacher
St-B	<i>Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch</i> , vol. I-IV, H. L. Strack, P. Billerbeck
W-B	<i>Griechisch-deutsches Wörterbuch zu den Schriften des Neuen Testaments und der frühchristlichen Literatur</i> , Walter Bauer, editado por Kurt e Barbara Aland

III. Abreviaturas das versões bíblicas usadas

O texto adotado neste comentário é a tradução de João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada no Brasil, 2ª ed. (RA), SBB, São Paulo, 1997. Quando se fez uso de outras versões, elas são assim identificadas:

BLH Bíblia na Linguagem de Hoje (1998)
BJ Bíblia de Jerusalém (1987)
BV Bíblia Viva (1981)
NVI Nova Versão Internacional (1994)
RC Almeida, Revista e Corrigida (1998)
TEB Tradução Ecumênica da Bíblia (1995)
VFL Versão Fácil de Ler (1999)

IV. Abreviaturas dos livros da Bíblia

ANTIGO TESTAMENTO

Gn Gênesis
Êx Êxodo
Lv Levítico
Nm Números
Dt Deuteronômio
Js Josué
Jz Juízes
Rt Rute
1Sm 1Samuel
2Sm 2Samuel
1Rs 1Reis
2Rs 2Reis
1Cr 1Crônicas
2Cr 2Crônicas
Ed Esdras
Ne Neemias
Et Ester
Jó Jó
Sl Salmos
Pv Provérbios
Ec Eclesiastes
Ct Cântico dos Cânticos
Is Isaías
Jr Jeremias
Lm Lamentações de Jeremias
Ez Ezequiel
Dn Daniel
Os Oséias
Jl Joel
Am Amós
Ob Obadias
Jn Jonas
Mq Miquéias
Na Naum
Hc Habacuque
Sf Sofonias
Ag Ageu
Zc Zacarias
Ml Malaquias

NOVO TESTAMENTO

Mt Mateus
Mc Marcos

Lc	Lucas
Jo	João
At	Atos
Rm	Romanos
1Co	1Coríntios
2Co	2Coríntios
Gl	Gálatas
Ef	Efésios
Fp	Filipenses
Cl	Colossenses
1Te	1Tessalonicenses
2Te	2Tessalonicenses
1Tm	1Timóteo
2Tm	2Timóteo
Tt	Tito
Fm	Filemom
Hb	Hebreus
Tg	Tiago
1Pe	1Pedro
2Pe	2Pedro
1Jo	1João
2Jo	2João
3Jo	3João
Jd	Judas
Ap	Apocalipse

OUTRAS ABREVIATURAS

O final do livro contém indicações de literatura.

(A 25) Apêndice (sempre com número)

Traduções da Bíblia (sempre entre parênteses, quando não especificada, tradução própria ou Revista de Almeida)

(A) L. Albrecht

(E) Elberfeld

(J) Bíblia de Jerusalém

(NVI) Nova Versão Internacional

(TEB) Tradução Ecumênica Brasileira (Loyola)

(W) U. Wilckens

(QI 31) Questões introdutórias (sempre com número, referente ao respectivo item)

Past cartas pastorais

ZTK *Zeitschrift für Theologie und Kirche*

ZNW *Zeitschrift für neutestamentliche Wissenschaft und die Kunde der älteren Kirche*

[ver: Novo Dicionário Internacional de Teologia do NT (ed. Gordon Chown), Vida Nova.]

QUESTÕES INTRODUTÓRIAS

1 – A carta a Filemom é a menor e última (a carta aos Romanos é a mais longa e primeira) na série das 13 epístolas de Paulo existentes no NT. Filemom é um cidadão abastado de Colos-sos (é o que se pode deduzir das listas de saudações, quase idênticas de **Fm 23s** e **Cl 4.7-14**, e particularmente do v. 9). Veio a crer em Jesus por intermédio do apóstolo (v. 19). O relacionamento entre Paulo e Filemom é cordial, de confiança e parceria. Paulo o chama de irmão, amado, colaborador e companheiro (**Fm 1.17**).

2 – Onésimo é um escravo que fugiu de seu proprietário e que encontrou junto de Paulo não apenas refúgio, mas a nova vida em Jesus (v. 10). É em favor desse escravo, que agora passou a ser um “irmão amado” (v. 16), que o

apóstolo se empenha junto a Filemom, para que este não o castigue, mas o receba com a mesma cordialidade com que receberia ao próprio Paulo (v. 17).

3 – Na verdade a carta é dirigida, em tom muito pessoal, a um indivíduo, e apesar disso não se trata de mera missiva particular. Paulo menciona Timóteo como colaborador (v. 1) e cita entre os destinatários, além de Filemom, também Áfia, Arquipo e a igreja na casa do pro-prietário do escravo. Também a saudação no final aponta para além de um escrito puramente pessoal, assemelhando-se nisso às cartas pastorais. Após a saudação (v. 1-3) Paulo (como geralmente em suas cartas) transita para as ações de graças e a intercessão, nas quais já indica o conteúdo da carta (v. 8-20). O bloco principal é estruturado em 4 partes: recordação de uma boa ação de Filemom (v. 7s); apresentação da condição mudada de Onésimo (v. 10-12); re-trospecto e nova interpretação do acontecido (v. 13-16); pedido a Filemom, para que torne a praticar uma boa ação (v. 17-20). A carta encerra com uma perspectiva confiante para o futuro (v. 21s), bem como com os votos de saudação e bênção (v. 23-25).

4 – Embora a autoria paulina da carta não sofresse contestação nem na primeira igreja nem na atualidade (com exceção de F. C. Baur, que considerava ser a carta a Filemom um posicionamento em forma de romance acerca da questão escravista do período pós-apostólico), ela foi alvo de pouquíssima atenção, levando a poucas conseqüências práticas visíveis (cf. Apêndice 1: Sobre a questão do escravismo).

Paulo está na prisão (v. 1,9,13,23), provavelmente em Roma. No entanto não se descarta uma breve detenção em Éfeso, onde o escravo fugitivo poderia tê-lo alcançado mais facilmente. Já na época da segunda carta aos Coríntios (2Co 11.23) Paulo informa a respeito de diversos períodos de prisão, lembrando que teve de suportar coisas graves em Éfeso (1Co 15.32). Se a carta for de um período de prisão em Éfeso, pode-se presumir como data da redação o ano 53. Contudo, se foi escrita durante a primeira detenção em Roma, devem ter passado mais 5 ou 6 anos (cf. 2Tm 4.17: boca do leão, e 1Co 15.32: lutou com animais ferozes; aliás, cf. as considerações sobre as diversas detenções: 2Tm 4.16s).

COMENTÁRIO

O PROÊMIO DA CARTA – FM 1-7

- 1 – Paulo, prisioneiro de Cristo Jesus, e o irmão Timóteo, ao amado Filemom, também nosso colaborador,
- 2 – e à irmã Áfia, e a Arquipo, nosso companheiro de lutas, e à igreja que está em tua casa,
- 3 – graça e paz a vós outros, da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo.
- 4 – Dou graças ao meu Deus, lembrando-me, sempre, de ti nas minhas orações,
- 5 – estando ciente do teu amor e da fé que tens para com o Senhor Jesus e todos os santos,
- 6 – para que a comunhão da tua fé se torne eficiente no pleno conhecimento de todo bem que há em nós, para com Cristo.
- 7 – Pois, irmão, tive grande alegria e conforto no teu amor, porquanto o coração dos santos tem sido reanimado por teu intermédio.

1. Remetente – Fm 1a

- 1 **Paulo é prisioneiro** em dois sentidos: Jesus, o Senhor, o confiscou para si, e por causa do Senhor ele foi difamado e aprisionado pelos inimigos do evangelho. Por cinco vezes ele menciona nesta carta sua atual condição de preso. Deixa fora o costumeiro título de apóstolo, porque não deseja salientar de antemão sua autoridade especial. Também apresenta **Timóteo**, que está com ele, singelamente como **irmão**. No entanto Paulo não continua escrevendo usando o “nós”, mas a partir do v. 4 passa para o “eu”, citando várias vezes na carta apenas expressamente seu próprio nome.

2. Destinatário – Fm 1b-2

Apesar disso não é sem sentido que Timóteo seja citado como co-remetente, porque dessa maneira Paulo assinala que não age em particular – sua carta originou-se tendo testemunhas (da boca de duas ou três testemunhas) – e ele tampouco se dirige exclusivamente a um único indivíduo, mas a **Filemom, o amado, e nosso colaborador**. O amor do Senhor Jesus os une, capacitando-os para cooperarem na obra do evangelho. Ambos os termos salientam a afeição recíproca. Áfia, a irmã, é

esposa de Filemom, como se pode depreender da proximidade direta dos dois nomes. Interessante é que seja mencionada como “irmã”, ou seja, que se enfatize sua participação na igreja. A negociação acerca do escravo fugitivo não é questão exclusivamente de homens nem apenas do casal, porque na casa deles reúne-se a congregação, de forma que para todos em sua igreja caseira – e além dela – é relevante o que os dois decidirão a respeito do escravo.

- 2 **Arquipo, nosso companheiro de lutas**, é citado em Cl 4.17, o que corrobora a suposição de que Filemom vive em Colossos. Contudo, nem a exortação em Cl para que cumpra sua incumbência de serviço, nem a circunstância de ser agora citado expressamente por nome ao lado de Filemom e Áfia e caracterizado como companheiro de lutas, significa necessariamente que deva ser considerado também o dirigente da igreja. Talvez Filemom, Epafras e Arquipo fossem, juntos ou alternadamente (de acordo com Cl 4.12 Epafras não esteve em Colossos na época da redação da carta), servidores que dirigiam a igreja.

E a igreja em tua casa. Agora torna-se bem explícito que por um lado a carta é dirigida a Filemom, mas que por outro seu conteúdo diz respeito à igreja toda. Filemom há de considerar a carta no coração, falar com a esposa sobre ela, apresentá-la a um amigo e colaborador chegado e, finalmente, lê-la perante a igreja toda, na qual talvez estejam presentes outros escravos.

3. Voto de bênção – Fm 3

Todos eles, senhores e servos, vivem da graça de Deus, e o poder da paz divina pode mantê-los unidos no amor recíproco. Quando lerem a carta e quando o conflito de idéias causar inquietação neles, então a paz de Deus os preservará e possibilitará o verdadeiro bem-estar para todos.

4. Ação de graças e intercessão – Fm 4-7

- 4 Nos salmos **agradeço a meu Deus** é expressão de confiança. Como Jesus, Paulo cresceu na escola de oração dos salmos. Nas cartas da antigüidade era comum prometer um ao outro: penso em você. Paulo pensa em seus colaboradores, agradecendo e orando por eles, e com a mesma naturalidade conta com o fato de que as igrejas também orem por ele.

- 5 **A fé no Senhor Jesus** é fundamento para o amor, porque crer nele significa crer no amor dele, propiciado aos seres humanos através de sua morte na cruz em favor deles.

Paulo **ouviu** acerca do amor de Filemom, ou seja, não o encontrou pessoalmente por certo tempo, talvez nem mesmo o tenha visto desde sua conversão a Jesus. Na época da carta aos Colossenses é certeza que Paulo ainda não havia estado pessoalmente em Colossos.

Porém os colaboradores o informaram de como Filemom cresceu na fé no Senhor Jesus e **no amor a todos os santos**. Os corações dos santos receberam refrigério (v. 7) através de seus atos de amor, e justamente agora ele terá oportunidade de comprovar mais uma vez seu amor em uma questão que pessoalmente não deve ter sido muito fácil para ele.

- 6 Paulo acrescenta à sua gratidão a prece a Deus, para que **a participação** de Filemom **na fé se torne eficaz**. A fé em Jesus os torna parceiros, quando essa fé volta sempre a ser eficaz e atuante no amor.

No conhecimento de todo o bem que está em nós, em direção de Cristo. No começo não está a ação, mas o reconhecimento da vontade de Deus. Essa vontade é o bem. Deus quer o melhor de nós; Uma vez que começou o bem em nós, ele também o conduzirá à perfeição. Nos episódios do cotidiano a fé reconhece o bem (v. 14!) que precisa ser feito agora, e o coração preparado no amor não se fecha, mas se abre para o irmão com ação e verdade. **Todo o bem que está em nós:** trata-se das obras que Deus preparou para nós e para as quais ele nos preparou, a fim de que as reconheçamos e realizemos no momento certo, não para alcançar nossa redenção, mas **em direção de Cristo**, i. é, para ele e para a honra dele. Isso confere às obras uma nova origem e outro alvo.

- 7 Na *koinonia* (participação e comunhão) da fé um pode tornar-se para o outro **alegria e consolo**, quando a comunhão não se esgota apenas em palavras e sentimentos, mas conduz ao verdadeiro apoio e à ação de amor. Filemom com freqüência praticou esses atos de amor aos santos, reconfortando-os assim em conjunto com o apóstolo. O afeto do amor é capaz de proporcionar tamanha confirmação e fortalecimento que ele acalma o espírito humano, libertando-o do esforço da inútil autojustificação. Ativando-se o amor, os co-rações são aquietados em relação às suas obras mortas. É algo maravilhoso que uma pessoa consiga consolar e revitalizar o coração da outra. O

coração é capaz de fortes sentimentos de misericórdia e consolação, quando se torna aberto e sensível através do amor. Todo o ser humano, em corpo e alma, foi colocado em movimento. Também Paulo está comovido nesse instante. Isso se evidencia porque coloca a palavra **irmão** bem no final, destacando-a assim enfaticamente.

O apóstolo tinha necessidade de alegria e consolo. Ao se lembrar com gratidão do amor de Filemom ele obtém paz e refrigério. Tal é o significado que irmãos na fé podem ter um para o outro por amor de Jesus. Já nas controvérsias e aflições da igreja em Corinto, Paulo experimentara o que significava ter irmãos que supriam o afeto que faltava aos coríntios, e que mediarão amorosamente o conflito, concretizando a reconciliação: “trouxeram refrigério ao meu espírito e ao vosso”

Por isso Paulo pede agora: assim como reanimaste meu coração, irmão, assim reanima-o outra vez, irmão. O bloco principal da carta está emoldurado no começo e no final pelo anseio do coração por refrigério e pelo apelo muito pessoal de amigo para amigo. Trata-se, porém, do benefício em favor de um terceiro! O bem que é feito a essa terceira pessoa é que reanimará ao apóstolo.

O TEXTO DA CARTA: INTERCESSÃO POR ONÉSIMO – Fm 8-22

1. Pedir em lugar de ordenar: por causa do amor – Fm 8s

**8 – Pois bem, ainda que eu sinta plena liberdade em Cristo para te ordenar o que convém,
9 – prefiro, todavia, solicitar em nome do amor, sendo o que sou, Paulo, o velho e, agora, até prisioneiro de Cristo Jesus.**

- 8 Com **por isso** começa a real preocupação da carta, que foi preparada nas primeiras sentenças. E apesar disso o apóstolo adia mais duas vezes seu pedido! Antes de expressar a solicitação ele diz que na realidade teria o direito de dar a Filemom uma instrução apostólica compromissiva. Contudo não deseja apelar para seu direito e sua posição, esperando tacitamente que Filemom tampouco o fará quando estiver em jogo o escravo, cujo nome o apóstolo pronunciará somente no final do v. 10. E novamente – no final da seção principal – Paulo levantará a questão do direito, rejeitando-a quase em tom de brincadeira: Filemom tem direito sobre o escravo Onésimo, mas Paulo possui direito idêntico diante de Filemom. Contudo não deseja fazer uso desse direito, preferindo transformar outra vez as exigências de direito em desejo do amor.

Por isso, embora eu tenha em Cristo plena ousadia (*parresia*): ousadia é a abertura e amplitude do coração que vem da liberdade e sempre está ligada à alegria. Por isso também é possível traduzir: alegria, confiança, desinibição, franqueza. Paulo apresenta-se com ousadia perante Deus e os seres humanos. Essa confiança destemida do amor é consequência do Espírito, é ousadia no Senhor e por meio dele. Quem tem coração fechado está deprimido e tem um medo angustiante que é o oposto da *parresia*, da desinibição destemida que vem do amor.

- 9 Paulo é livre, seja para ordenar, seja para pedir. Como apóstolo, possui a autoridade de dar instruções compromissivas, para que Filemom faça o que deve acontecer, literalmente: o que convém, a saber como um dono de casa crente deve se portar frente a um escravo fugitivo. Mas não faz uso de sua liberdade para impor seu direito de apóstolo, mas apresenta-se como irmão que pede, posicionando-se abaixo daquele que pode atender ou negar seu pedido: **peço-te**. Ele pede por causa do amor, não um amor que os dois homens sentem um pelo outro, mas o amor de Deus, que lhes foi presenteado em Jesus e do qual ambos vivem. Paulo não escreve: peço-te por causa do teu amor, porque dessa maneira ele somente exerceria uma pressão sobre o destinatário da carta, e é justamente isso que ele deseja evitar! Sim, ele apresenta a si mesmo em sua humildade e fraqueza como um homem prisioneiro e idoso. Naquele tempo Paulo deveria estar em uma idade entre 50 e 60 anos. Ele pede por causa do grande amor de Deus, para que o amor preceda o direito, porque tanto os dois parceiros da carta como também o escravo vivem do mesmo amor.

2. Exposição da mudança de situação – Fm 10-12

10 – Sim, solicito-te em favor de meu filho Onésimo, que gerei entre algemas.

11 – Ele, antes, te foi inútil; atualmente, porém, é útil, a ti e a mim.

12 – Eu to envio de volta em pessoa, quero dizer, o meu próprio coração.

Paulo não intercede em favor de si mesmo ou para obter vantagens, mas em favor de outra pessoa que está desprotegida e indefesa. Tampouco pede que o obtenha para si, porém em favor dele, i. é, intervém em prol de Onésimo (v. 12,17).

Escravos fugidos podiam abrigar-se em locais sagrados, onde estavam em segurança diante dos perseguidores. No entanto, ignoramos como esse escravo encontrou Paulo e foi capaz de visitá-lo na cadeia. Por intermédio do apóstolo ele se converteu a Jesus, sendo gerado e renascido para uma nova vida por meio do evangelho. Talvez, quando ainda não se rendera a Jesus, o escravo esperasse uma libertação que era menor que a libertação disponível a partir do evangelho. Talvez, por ter ouvido sobre a conversão de seu patrão, tenha exigido a liberdade e, não a obtendo, tenha saído de casa, à semelhança do filho mais jovem na parábola. Retornando, ele realmente se tornava filho: **“Eu o envio de volta para ti, ou seja meu coração.”**

Assim como no final das frases introdutórias Paulo coloca com especial afeto a palavra “irmão”, assim ele agora menciona o nome do escravo bem no final de seu pedido. Porventura o próprio Filemom também não encontrara a Jesus por meio de Paulo, sendo, portanto, um filho da fé e por isso irmão, exatamente como Onésimo? Porventura Paulo não comunicara aos dois homens a nova vida em Jesus, tornando-os por isso irmãos um do outro? Será que Filemom deveria agir como o irmão mais velho na parábola, olhando com desdém o irmão menor e rejeitando-o?

Paulo tem a capacidade de deixar subjacentes tais perguntas, e não obstante elas podem ser depreendidas das entrelinhas. Basta ler e comparar atentamente os v. 7,16,20 com o v. 10.

- 11** “Escravo inútil” era um modo de falar muito disseminado, que espelha como a relação senhor-escravo teve efeitos negativos no âmbito social. Como o escravo era explorado, ele próprio tentava, sempre que conseguisse, explorar também o senhor, esquivando-se o mais possível do trabalho. A nova vida, no entanto, se mostra no fato de que o “escravo inútil” se transforma em ser humano útil no meio da realidade antiga. Contudo a nova utilidade transforma as condições antigas de dentro para fora, por meio de uma nova atitude diante do trabalho e da vida em si. Os servos outrora inúteis não apenas se transformam em “servos comuns”, que realizam o que se espera deles, mas eles fazem mais do que sua obrigação! Desse tipo é, pois, a utilidade de Onésimo. Ele se transformou de “inútil” não apenas em servo útil, mas tornou-se mais que útil, da mesma maneira como Filemom também fará mais do que é necessário ou exigido: em amor, receberá o escravo como irmão, concedendo-lhe a liberdade, ao passo que este permanecerá livre e espontaneamente ao lado do patrão ou de Paulo, tentando servir-lhes como pessoa livre. Desde já sua utilidade, que transcende a medida comum, pode ser notada no fato de que se tornou precioso e útil para Paulo e Filemom. A utilidade do amor e da verdadeira adoração a Deus constitui o ganho trazido pela autêntica humanidade, para si e para o outro. Essa utilidade, contudo, está sempre exposta a mal-entendidos e ao abuso, a ponto de ser substituída e distorcida para a exploração e o aproveitamento, da maneira como se aproveitam animais e utensílios domésticos.

- 12** O direito exige que um escravo fugitivo seja enviado de volta. Paulo cumpre a lei. Enviar de volta o escravo é uma atitude legalmente demandada tanto nos termos da lei romana como da judaica. Simultaneamente, porém, ele combina o direito: **envio-o de volta para ti** com o amor que supera a lei: **ou seja, o meu próprio coração**. Aqui o amor se reveste de sua mais terna linguagem: peço-te em favor de meu filho, envio-te de volta meu coração. Sente-se pulsar o coração de um homem que foi liberto para o amor e interesse afetuosos. Por amor, o homem frágil e idoso na cadeia se empenha em prol de um escravo fugitivo, une-se a ele e ao futuro dele.

Lutero sentiu e expressou claramente o motivo determinante dessa cordialidade, ao escrever: “Somos todos os Onésimos dele, se crermos nisso.” Assim como Jesus se empenha junto de Deus em nosso favor, e até mesmo nos substitui (“a ele, ou seja, meu próprio coração”), assim Paulo intervém junto de Filemom em favor de Onésimo. Trata-se do amor vicário do Senhor Jesus, que atinge a concretização prática no coração de um ser humano.

3. Retrospecto e nova interpretação do ocorrido – Fm 13-16

13 – Eu queria conservá-lo comigo mesmo para, em teu lugar, me servir nas algemas que carrego por causa do evangelho;

14 – nada, porém, quis fazer sem o teu consentimento, para que a tua bondade não venha a ser como que por obrigação, mas de livre vontade.

15 – Pois acredito que ele veio a ser afastado de ti temporariamente, a fim de que o recebas para sempre,

16 – não como escravo; antes, muito acima de escravo, como irmão ca-ríssimo, especialmente de mim e, com maior razão, de ti, quer na carne, quer no Senhor.

13 O qual eu queria conservar comigo: na frase, o “eu” é fortemente enfatizado. Paulo tinha o desejo e a firme intenção de conservar junto de si o irmão ao qual passou a amar e que se tornou útil. Contudo, depois resolveu desistir da idéia. Não pretendia impor seus desejos nem insistir em seu direito (e que Filemom faça como ele!), embora como apóstolo poderia ter conseguido assim um auxiliar que lhe aliviaria um pouco a vida.

Vicariamente por ti: envio-te Onésimo como meu substituto (v. 12: meu coração), embora tivesse o direito de conservá-lo comigo como teu representante (v. 13). Sim, as circunstâncias depõem nitidamente em favor do apóstolo, porque se encontra acorrentado por causa do evangelho, sendo por isso especialmente carente: se fizer jus a isso, é agora que deveria ter a seu lado um diácono para fortalecê-lo.

14 Mas não desejo fazer nada sem teu consentimento. Paulo, portanto, conta com a concordância de Filemom, mas novamente sem dizê-lo expressamente. Não busca em primeira instância o consentimento dele, no qual confia plenamente (v. 21), mas sua decisão espontânea: “Não que eu busque o donativo, mas busco o fruto que gera um superávit em vossa conta”. O bem (v. 6,14) que beneficiará tanto Onésimo como Paulo terá um efeito libertador e gerará um superávit na conta de Filemom somente quando acontecer por decisão espontânea, porque somente então a decisão realmente terá sido tomada por amor. A lei pode obrigar a uma ação e castigar a desobediência. O amor não se deixa forçar, mas tampouco se trata de apenas esperar passivamente por ele como por um sentimento, que pode ou não ocorrer. O amor provoca a iniciativa do ser humano como um todo, resolução espontânea de coração aberto.

15 Porque talvez ele tenha estado separado (de ti) por breve tempo para que o recebas novamente para sempre. Mais uma vez Paulo dá ao todo uma guinada surpreendente. Audaciosa e, não obstante, cuidadosamente (“talvez!”) ele pergunta, se por trás da fuga do escravo não poderia ser notada outra realidade. Para que se possa obter uma resposta a isso, há necessidade de uma visão diferente da fuga, porque somente a visão diferente poderá conduzir a uma avaliação e decisão diferentes.

Paulo em absoluto fala de “fuga”, embora legalmente e no aspecto exterior sem dúvida tenha se tratado de fuga. As palavras usadas para descrever um acontecimento não são indiferentes. O apóstolo designa a fuga ativa como um evento passivo que acometeu a ambos: fostes separados um do outro.

A forma passiva indica – novamente sem que isso se expresse com palavras – um lado divino em todo o acontecido. E não se trata de uma suposição incerta. Porque igualmente é indubitável que para esse escravo a fuga tenha se tornado causa de sua redenção eterna e ao mesmo tempo para Paulo um presente cheio de consolo e utilidade. Porventura Filemom agora deveria permanecer sendo o único em desvantagem? Não, ele perdeu o escravo por breve tempo, a fim de que ele o **recuperasse para sempre** como um irmão presenteado com nova vida. Filemom ganhou mais do que havia perdido. O escravo não é simplesmente devolvido (como uma mercadoria furtada), o prejuízo não é apenas reparado (v. 18), porém Filemom obtém mais que meramente um escravo, a saber um ser humano pleno e um irmão amado: leva vantagem para o mundo presente e para o futuro.

16 Não mais como escravo, mas como alguém que é muito mais que um escravo, que é um irmão amado, particularmente para mim, porém ainda mais para ti, tanto na carne como no Senhor.

Somente agora chegamos ao âmago da carta. Pode ser que por enquanto as circunstâncias externas tenham permanecido as mesmas. Do ponto de vista do direito, um escravo capturado é enviado de volta ao proprietário com a sugestão de tolerância e com o pedido por tratamento transigente. Visto, porém, pela perspectiva do amor, acontece aqui o milagre da verdadeira humanização, que interliga de maneira nova todos os envolvidos, levando muito além das exigências legais. Onésimo, antes inútil, não retorna agora simplesmente como obediente escravo bom e trabalhador, mas como alguém que é **mais que escravo**, a saber, é presenteado a Filemom **como irmão amado**. O presente do amor supera toda exigência da lei, porque vem da liberdade, conduz à liberdade e mantém na liberdade.

Também os estóicos defendiam a igualdade de todos os seres humanos, mas ela estava alicerçada sobre o fato de que todos são oriundos da mesma semente e respiram o mesmo ar, o que é muito diferente da fundamentação da irmandade no amor de Deus, com o qual todos são amados. Esse amor unifica em uma nova comunhão até então não-existente, cuja base reside **no Senhor** e que chega à expressão humana abrangente **na carne**. Nessa *koinonia* (comunhão de amor) já não existem desprivilegiados, porque o amor faz com que todos tenham vantagens: **especialmente para mim, mais ainda mais para ti** e muito mais ainda para a vantagem temporal e eterna de Onésimo. Sim, essa vantagem do amor abarca tempo e eternidade (por breve tempo – para sempre), a vida terrena, humana, e a vida eterna presenteada por Deus (**tanto na carne como também no Senhor**). Essa expressão possui relevância central, embora ocorra unicamente aqui. **Carne** designa a esfera humana, social-secular. A irmandade presenteada **no Senhor** também terá conseqüências para os relacionamentos humanos, profissionais e sócio-econômicos.

Embora na ordem social vigente Onésimo ainda seja considerado legalmente como mercadoria, ele passa a entender a si mesmo de outra forma, desde que Jesus entrou em sua vida e experimentou o amor de pessoas que o tratam como semelhante, como irmão amado, e que o acolheram em seu coração, como fez Paulo. Todavia isso não pode nem vai bastar, assim como tampouco Paulo se limitou a isso. Utiliza para o escravo fugitivo uma maneira de tratamento que, não obstante a discrição e ternura no tom da carta, permite depreender que o reconhecimento da humanidade plena e a experiência da irmandade por fim precisa levar à libertação plena não apenas no Senhor, mas também no âmbito secular-social, i. é, à anulação legal da escravidão juridicamente ancorada.

Essa anulação legal devia ser precedida pelo amor, primeiro na esfera dos relacionamentos humanos e na realidade micro (do que a carta a Filemom representa uma prova), depois cada vez mais pelo exemplo contagiante nas igrejas, que como sal da terra e luz do mundo foram chamadas a ser precursoras e primeiros sinais do senhorio de Deus. Por fim o amor poderia causar a mudança da lei no âmbito macro. Não deixa de ser doloroso que esse processo tenha durado tanto tempo, não porque as necessidades históricas obrigassem a isso, mas por causa da dureza de coração daqueles que durante séculos professavam o amor de Deus, mas que não lhe proporcionavam plena influência nas ordens sociais do mundo.

No entanto, mesmo a libertação legal dos escravos em escala mundial não deixa de ser apenas libertação provisória do ser humano para sua humanização. Sucedem-se formas novas e muitas vezes piores, porque ocultas, da escravização humana, do trabalho forçado e da exploração. Justamente por isso toda ajuda, por menor e mais provisória que seja, para “ser mais que escravo” é boa e “proveitosa para o ser humano”.

4. Pedido a Filemom para que realize mais uma bondade – Fm 17-20

17 – Se, portanto, me consideras companheiro, recebe-o, como se fosse a mim mesmo.

18 – E, se algum dano te fez ou se te deve alguma coisa, lança tudo em minha conta.

19 – Eu, Paulo, de próprio punho, o escrevo: Eu pagarei – para não te alegar que também tu me deves até a ti mesmo.

20 – Sim, irmão, que eu receba de ti, no Senhor, este benefício. Reanima-me o coração em Cristo.

17 Na realidade é somente agora que o pedido apresentado no v. 10 cristaliza um conteúdo claro. Paulo não apenas envia o escravo de volta como se fosse seu próprio coração, mas – essa é a parte mais difícil – Filemom deve acolher Onésimo de tal forma como se nesse escravo recebesse o próprio Paulo. Para isso Paulo se estriba em sua participação conjunta na fé. Se desejares ser aprovado como **companheiro** nessa fé, faz aquilo para o que o Senhor te conduz: acolhe o escravo fugitivo como teu irmão amado.

18 Novamente Paulo transita do nível da comunhão de fé, na qual o amor sempre dá o primeiro passo, para o nível do direito. O apóstolo declara que está disposto a pagar a indenização pelos prejuízos de Onésimo, que pode ser reclamada legalmente. Podemos muito bem imaginar, embora não seja uma premissa obrigatória, que o escravo tenha furtado dinheiro ou bens para fugir. Porém, sob aspecto legal, a própria não-realização do trabalho representa um prejuízo para o patrão. Paulo deixa em aberto de que maneira o proprietário poderia ter sido prejudicado, o que significa uma deferência em relação a ambos. Somente é capaz de estabelecer a paz quem se posiciona entre as partes e se torna

solidário com ambos os lados, correndo o risco de ser rejeitado e alvo de suspeita. Muito mais difícil é unir como irmãos amados dois parceiros tão desiguais como um patrão e seu escravo!

Na esfera da lei humana isso de fato era inviável. Escravos fugitivos eram castigados duramente e muitas vezes com crueldade. Em Roma eles eram estigmatizados com um sinal na testa feito por um ferro em brasa. Conseqüentemente, um escravo assim estava marcado para sempre: esse foi um fugitivo! Para servir de exemplo preventivo, muitos escravos capturados também recebiam anéis de ferro soldados, e eram lançados às feras na arena ou crucificados.

19 Sob o aspecto legal Paulo somente podia fazer a oferta de indenizar a dívida que havia se formado. De próprio punho assina uma confissão de dívida, como era comum entre sócios comerciais. Essa pequena frase inter-calada permite vislumbrar a atividade literária do apóstolo. Em geral ele ditava as cartas a um secretário, assinando-as em seguida pessoalmente, ou também inserindo de próprio punho uma frase no meio do ditado. Sobre a frase paira uma leve ironia. Filemom compreenderá – novamente sem que Paulo o escreva textualmente – que o apóstolo não tem propriedade terrena da qual pudesse extrair recursos para pagar uma indenização, pois, sem meios e sem poder, jaz agora na cadeia. A formulação subsequente, mais uma vez surpreendente, possui uma conotação quase hilariante: **para não te dizer que a ti mesmo te deves a mim**. Filemom está em dívida com o apóstolo, deve-lhe não apenas algo, mas a si mesmo, se bem que não em sentido legal (da forma como Onésimo deve a si mesmo, como mercadoria, ao seu proprietário), mas no amor, diante do qual ambos são devedores. Exatamente como Onésimo, também Filemom veio a conhecer o amor de Deus em Jesus por meio do apóstolo. Por isso também está pessoalmente em dívida, humanamente falando, para com o apóstolo. Os que abraçaram a fé assumem a dívida de sustentar com suas posses aqueles que lhes anunciaram a palavra. Além disso estão, como irmãos, em uma relação de dívida recíproca: sua dívida é “amar um ao outro”.

20 Com insistência máxima chega ao fim a parte principal da carta: **Sim, irmão, desejo obter proveito de ti no Senhor**. Não perguntes se o escravo te trouxe prejuízos e quanto ele pode ser útil para ti, mas pelo contrário, se e como tu podes ser útil para mim.

Tudo de bem que lhe fizeres beneficiará a mim. “Desejo alegrar-me sobre ti no Senhor”, quando souber que a ação do teu amor foi além de tudo o que pedi. **Refrigera-me o coração em Cristo!** Um irmão pode reanimar o coração do outro, quando dá espaço para o amor do qual ambos vivem. Os v. 7 e 20 expressam a mesma coisa, a repetição (depois de tudo que foi dito) sublinha e enfatiza como é premente que Filemom agora aproveite a oportunidade para confirmar seu amor. Ele o fará, Paulo tem certeza disso.

5. Perspectiva confiante para o futuro – Fm 21s

21 – Certo, como estou, da tua obediência, eu te escrevo, sabendo que fa-rás mais do que estou pedindo.

22 – E, ao mesmo tempo, prepara-me também pousada, pois espero que, por vossas orações, vos serei restituído.

21 No v. 8 Paulo escreve que não pretende se apresentar com autoridade apostólica e dar ordens sobre o que cabe a Filemom fazer, e apesar disso espera obediência. Não queria agir sem o consentimento do parceiro, e apesar disso pressupõe essa concordância. Será que ocorre aqui uma contradição velada, será que Paulo se contradiz? Não, porque o apóstolo não coage nem para a concordância nem para a obediência, mas confia no companheiro e em seu Deus que a resposta espontânea de fato será dada. Por um lado seu pleito de fato é um pedido do irmão que ama e confia, mas tal resposta não é sem compromisso, de cunho meramente particular, porque o que está em jogo não é ele pessoalmente ou somente ele, mas um irmão (v. 16), o bem (v. 6,14), o amor propriamente dito (v. 9). Como tudo que é realmente essencial e humano, isso em última análise não pode ser ordenado, mas somente ser pedido. Afinal, o próprio Deus se torna alguém que pede quando está em jogo a salvação temporal e eterna do ser humano. Por mais séria e insistentemente que sua palavra possa atingir o coração por meio de seus servos, ele continua sendo um Deus que pede: “Deus exorta por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus.”

Por essa razão Paulo pode declarar: **Escrevo-te, confiando em tua obediência**. Assim como Paulo se apresenta exortando, mas não obstante pedindo, em tom insistente, mas de forma alguma

ameaçador, pode-se reconhecer que em nenhum lugar ele detalha ou sugere o que Filemom, afinal, deveria fazer, embora não parem dúvidas para o apóstolo quanto ao que seu amigo deve fazer e há de fazer: **Sei (!) que até mesmo farás mais do que te digo**. No entanto, permanece não-expresso de que consiste esse “mais”.

- 22 Junto com o que o destinatário da carta fará pelo apóstolo, a saber, assim como cumprirá além das medidas seu pedido referente ao escravo, assim ele também deve tomar providências para **acolher Paulo como hóspede**. Mais uma vez faz-se uma sugestão velada: assim como prepararás uma acolhida para o irmão Onésimo, assim recebe a mim. Ele começou a carta mencionando sua oração. Termina-a com a expectativa natural de que a igreja daquela casa ore por ele, por sua libertação da cadeia e por sua vinda. Assim como Filemom e Onésimo lhe foram presenteados por Deus, assim Deus também o transformará – **por meio das orações deles** –, o apóstolo e irmão, em dádiva de bênção para a igreja.

FINAL DA CARTA

Saudações e voto de bênção – Fm 23-25

23 – Saúdam-te Epafras, prisioneiro comigo, em Cristo Jesus,

24 – Marcos, Aristarco, Demas e Lucas, meus cooperadores.

25 – A graça do Senhor Jesus Cristo seja com o vosso espírito.

Por intermédio de Epafras havia se formado a igreja em Colossos, agora porém ele é co-prisioneiro do apóstolo em Cristo Jesus. Sobre as circunstâncias exatas que levaram a essa detenção sabe-se tão pouco quando sobre a libertação de Timóteo mencionada em Hb 13.23. Seja como for, dessas breves notas pode-se depreender que não apenas Paulo sofreu a sina da prisão, mas também outros colaboradores do evangelho. A boa notícia do amor de Deus não era ouvida e aceita sem resistência.

Marcos é o primo de Barnabé; Aristarco vem da Macedônia; acompanhou o apóstolo até Jerusalém e mais tarde até Roma. Demas ainda é colaborador do apóstolo Paulo, da mesma forma como na época da redação da carta aos Colossenses, mais tarde, porém, se distanciará de Paulo e o abandonará.

Todos esses colaboradores não são desconhecidos para Filemom e a igreja em sua casa. A menção de seus nomes e o envio de suas saudações solidifica os laços de fé e amor entre todos eles.

Junto com a transmissão dos votos de saudação Paulo roga a bênção sobre os destinatários. Na **graça do Senhor Jesus Cristo** todos eles foram aceitos. Foi com o anúncio dessa graça que começou essa carta breve e, apesar disso, tão rica em conteúdo (v. 3), e é assim que ela também encerra: **a graça seja convosco!**

APÊNDICES

1. Quanto à questão do escravismo

Na época de Jesus havia na Galiléia bem poucos escravos. Seu número já era maior em Jerusalém, e grandes multidões de escravos povoavam as metrópoles do mundo antigo, de modo que em diversos lugares fossem mais numerosos que as pessoas livres. Em Corinto os pobres e escravos tinham dificuldades de comparecer a tempo para a ceia do Senhor porque o trabalho os impedia. Isso levou a graves tensões na igreja (1Co 11.17,21,33). Escravos sem nome eram chamados de persas. Por isso Pérside não é nome de mulher, mas designa uma escrava (Rm 16.12: literalmente a amada escrava persa). Tabita (em grego Dorcas) é nome de escrava, comum entre os rabinos. Ela era uma alforriada que continuou usando o nome de escrava (At 9.36,40). No seio das igrejas os escravos eram iguais aos livres, porque Jesus se tornou escravo deles para libertar a todos para que fossem humanos (Fp 2.5s; Gl 3.28; 1Co 12.13; Cl 3.11). Contudo, a concretização dessa nova liberdade na prática gerou muita insegurança, tensão e resistência.

2. Em comparação com as condições dos povos adjacentes, as leis do AT acerca dos escravos são notoriamente humanas. Decisivo na legislação do AT era que todo hebreu que era (feito) escravo (p. ex., um pai podia vender a filha como escrava, Gn 21.7) tinha de ser liberto e ricamente presenteado (Dt 15.12-18) no máximo após sete anos, a saber, no chamado ano do jubileu (o ano em que soava o júbilo fazia parte das ordens de vida que Deus havia dado ao povo de Israel: Lv 25.8-16,23-55; 27.16s; Nm 36.4). Também todos os empréstimos e endividamentos tinham de ser perdoados no ano do jubileu (Dt 15.2). A libertação da escravidão e o alívio das dívidas formam uma unidade, porque o escravo era considerado mercadoria, “porque ele é seu dinheiro”. Dinheiro significa literalmente: uma rês (Êx 21.21). A cada sete anos o povo todo podia experimentar que a escravização do ser humano é algo que não deve existir, porque cada pessoa foi criada à imagem de Deus e chamada à liberdade. Dessa maneira era possível impedir o endurecimento e a desumanização total de uma estrutura social (a saber, a compra e venda de escravos como mercadoria). No entanto, por que isso não levou à modificação ou abolição completa do escravismo? A razão principal reside em que essa lei valia somente para os membros do próprio povo (sendo também nesse caso contornado da forma mais freqüente possível, como se pode depreender das advertências que eram emitidas diante do descumprimento da lei).

Contudo era permitido comprar escravos de outros povos ou roubá-los como despojos na guerra, e esses escravos podiam ser legados aos descendentes como propriedade inquestionável (Lv 25.46). Mesmo assim, uma mulher seqüestrada na guerra não podia ser transformada em escrava ou vendida como tal. Tinha de ser declarada esposa e desposada, ou demitida (Dt 21.10-14). O próximo que devia ser amado era o companheiro do próprio povo, não porém o membro de outro povo (Lv 19.18; 25.39-55). No entanto existe também aqui uma base para superar as barreiras do próprio povo: também o estrangeiro deve ser amado assim como amamos a nós mesmos e aos nossos, porque Israel igualmente foi estrangeiro no Egito (Lv 19.33s). Porém não é tirada a consequência final para o escravo, apesar de os hebreus no Egito também terem sido escravos (Lv 25.39-43). A escravização do outro que não pertence a mim, i. é, sua transformação em objeto e em mercadoria livremente disponível, deve estar profundamente arraigada na consciência decaída do ser humano.

3. Somente Jesus interpretou e aplicou definitivamente o amor ao próximo de modo radical e incondicional a cada criatura com semblante humano (inclusive o inimigo!). Ele próprio é esse amor radical em pessoa. No contexto do comentário sobre 1Tm 6.1s e Tt 2.9s levantei a pergunta em 1Tm (p. 270): “Por que a experiência dos donos que reconhecem nos escravos crentes ‘diletos irmãos’ não levou muito antes à transformação da realidade social? Ainda que tenham sido inequivocamente impulsos cristãos e pessoas cristãs que por fim levaram à libertação dos escravos, por que isso demorou tanto?” Sim, olhando para Jesus impõe-se com maior insistência a pergunta por que esse novo amor não foi capaz de romper e anular a desumanidade legalmente instituída no mais verdadeiro sentido da palavra.

Não se pode objetar a essa pergunta que a influência do AT, afinal, foi muito grande. Por um lado o sacrifício de animais foi abolido terminantemente no culto, embora estivesse legalmente ancorado no AT e apesar de Jesus enviar os curados ao sacerdote, para que ofertassem um sacrifício (ou seja, o próprio Jesus não aboliu a instituição do sacrifício de animais no culto; cf. Mt 8.4; Lv 14.2-7).

Poderíamos alegar que na realidade essa seria uma instituição religiosa, enquanto o escravismo se refere ao âmbito social. Contudo, também no âmbito social, há no mínimo um exemplo que pode ser contraposto a essa alegação: a forma do matrimônio legalmente permitida e regulamentada no AT, segundo a qual o marido podia se casar com várias mulheres (Dt 21.15), igualmente foi substituída (como o sacrifício de animais) com surpreendente rapidez e unanimidade pelo matrimônio monogâmico (1Tm 3.2,12; Tt 1.6!). Nesse caso a palavra do Senhor foi ouvida e obedecida pela igreja, que tornou a colocar no centro a vontade original de Deus (Mt 19.3-10). O amor manifesto em Jesus tornava explícito que um homem não pode adquirir e possuir mulheres como mercadorias. Apesar de a mulher, por causa desse amor, já não estar subordinada à reivindicação de mando do marido, mas passou a ser considerada como parceira do amor dele, a estrutura exterior da subordinação persistiu provisoriamente, não porque fosse justa ou condizente com o amor, e muito menos porque fosse ordem divina, mas porque agora podia e também devia ser superada e transformada de dentro para fora por intermédio do amor. A posição social inferior da mulher, porém, acabou durando mais tempo que a instituição do escravismo! (cf. Apêndice 4: A posição da mulher..., acima, p. 291-296, após o comentário a 1Tm).

4. Somente foi possível questionar o escravismo como instituição legal e finalmente aboli-la a partir de uma mudança na visão da pessoa humana: todo ser humano foi criado à imagem de Deus; e para cada pessoa Deus se tornou ser humano em Jesus. Jesus entregou a vida na morte em favor de cada ser humano, para que todos possam chegar à liberdade da filiação divina. Por isso o ser humano nunca mais deve ser tornado objeto, nunca mais pode ser considerado ou tratado como propriedade, e sua condição terrena nas ordens sociais já não decorre “por necessidade natural” de seu nascimento (a persistência da escravidão por meio de herança ou a contrapartida da nobreza por herança). O amor, conforme vivido e ensinado por Jesus, inaugurou nitidamente essa nova visão do ser humano, mas o amor de seus seguidores não influenciou sobre o direito vigente nem o transformou, ou o fez apenas de forma muito lenta e com grande resistência.

5. Para a questão do escravismo é importante a relação entre instituição e pessoa. Sempre haverá instituição enquanto existirem pessoas, porque a pessoa (ela própria uma instituição, a saber, uma organização ordenada) não existe dissociada da instituição. Mas toda instituição humana (inclusive toda instituição legal) torna-se desumana quando é dominada pelo poder, ao invés de ser mantida aberta pelo amor e colocada a serviço do ser humano. Por isso Jesus declara expressamente que a instituição sócio-religiosa do sábado foi criada por causa do ser humano (como garantia, sinal e lugar da liberdade; cf. o ano do jubileu, no qual os escravos eram alforriados!), e não o ser humano por causa do sábado (Mc 2.27s). Mas o ser humano (religioso) desdobrou e abusou da dádiva do sábado como um meio de exercer poder, a fim de escravizar o ser humano. A instituição, que visava celebrar e preservar a liberdade do ser humano em Deus tornou-se superpoderosa, sobrecarregando e escravizando o ser humano com canseiras.

6. Igualmente relevante é a pergunta sobre a relação entre amor e direito. Por meio do amor concretizado por Jesus, o escravo torna-se “mais que um escravo” (Fm 16), que é o efeito do amor no âmbito da convivência humana. E somente por causa desse “mais que escravo” torna-se possível que também a posição legalmente institucionalizada do escravo possa ser questionada e alterada, porque somente agora também se tornou explícito que, como escravo, ele era “menos que um ser humano”.

O amor na esfera da ética social referente às instituições entre as pessoas (e entre os países) preocupa-se com o direito de todos os desprivilegiados. Unicamente o amor pode e vai cuidar para que a lei constitutiva do direito (“a cada um o que é dele”) não seja interpretada em favor dos fortes e às custas dos fracos.

7. O fundamento bíblico para a ligação entre amor e direito, entre espiritual e secular, entre esfera pessoal e social é oferecido em muitas passagens e de maneira muito significativa justamente na epístola a Filemom. Paulo escreve (v. 16): “Envio-te de volta o escravo fugitivo, não mais como escravo servil, mas como algo muito mais belo: como um irmão dileto. Isso ele há muito se tornou para mim, e quanto mais para ti! Um irmão, porque pertence à comunhão familiar, um irmão, porque junto contigo é propriedade do Senhor.” Essa frase fundamental está sendo citada conforme a tradução de Jörg Zink, porque o duplo aspecto de ser irmão se expressa da melhor maneira pela repetição. Textualmente a expressão, que ocorre somente aqui, é: tanto na carne como no Senhor (*kai en sarki kai en kyrio*). Poderíamos parafrasear isso também assim: tanto referente à condição humana como à vida de cristão, tanto no sentido secular e social como no intelectual-espiritual. Onésimo é agora, em sentido abrangente, “mais que escravo”. Tanto em termos humanos como também na fé ele se tornou irmão. A condição de escravo foi cabalmente superada, ainda que a instituição formal persista (provisoriamente). Um dia também será dissolvida de dentro para fora.

Estranhos são os escrúpulos de muitos comentaristas que não acreditam que o apóstolo tenha confiado em Filemom para que não apenas não punisse o escravo, mas lhe concedesse a liberdade. Afinal, Paulo escreve: “Sei que farás ainda mais do que digo” (v. 21). Porque ao “ser mais” do v. 16 segue imediatamente o “fazer mais” do v. 21. Trata-se do “mais” do amor, que transcende a lei e por isso cumpre a lei e a supera ao cumpri-la.

Quando o escravo se torna irmão tanto na comunhão da fé como no âmbito social-secular, a estrutura legal da sociedade escravista foi rompida, derrotada, superada já na raiz, de dentro para fora. Foi superada porque o amor não busca simplesmente o contrário de um escravo, ou seja, um escravo emancipado ou uma pessoa chamada livre (que liberdade possuem os livres que toleram e conservam uma sociedade escravista?), mas um irmão. Uma pessoa livre não é “mais que um escravo”, ela é apenas o contrário do escravo. Um irmão, porém, é mais que um escravo ou livre, e irmandade na fé e no amor é mais que uma ordem jurídica de convivência.

“O amor abre mão do seu direito, não do direito em si. O próprio cristão proporcionará a todos o que é correto e justo (Cl 4.1), mas para si mesmo sempre colocará o amor acima do direito. Tão certo, portanto, como as estruturas sociais vigentes e ordens jurídicas não são anuladas, tão certo é que tampouco são sancionadas como instituições rígidas, mas examinadas criticamente à luz do amor, transformadas, corrigidas e acionadas, e quando não servem à concretização e prática do amor, abre-se mão delas. Dessa maneira o amor se mostra mais uma vez como superior até mesmo das normas determinadas pela criação, sim, como norma absolutamente suprema da vivência cristã” (W. Schrage, *Die konkreten Einzelgebote in der paulinischen Paränese*, Gütersloh 1961, p. 266).

8. Por meio da rendição ao amor do Senhor Jesus o escravo não se torna simplesmente um emancipado, mas um irmão, i. é, um “alforriado do Senhor” (1Co 7.22). Essa liberdade “no Senhor”, contudo, é fundamental e decisiva, situando-se acima de todas as liberdades relativas de que o ser humano usufruirá (ou carecerá) nas ordens sociais existentes. Por causa dessa permanente primazia é compreensível que o NT não fale de uma transformação exterior e ativa do mundo, muito além do fato de que a situação histórica naquele tempo era bem diferente de hoje. Por isso se pode dizer e demonstrar com razão que Paulo (como também Jesus) adota do entorno o que de forma geral era considerado decente, no que também se incluía ter escravos!

A novidade decisiva não era a mudança das organizações sociais exteriores, mas a convivência “no Senhor”, que também modificava os relacionamentos humanos. Todavia, derivar daí a conclusão de que a mudança exterior das estruturas sociais não é importante, nem necessária, nem mesmo possível, é algo que a Bíblia proíbe, porque o que se tornou possível e real “no Senhor” igualmente visa tornar-se, no Senhor, carne: “tanto na carne como no Senhor.”

A transformação e melhoria do tecido social e de suas instituições é *possível* porque elas não representam ordens eternas e absolutas. Ela é *necessária* porque cada instituição, pela acumulação de poder e por sua duração, corre o constante perigo de oprimir o que é humano e transformar as pessoas em objeto (o ser humano não existe para o sábado, mas o sábado para o ser humano). Ela é *importante* porque a palavra de Deus transformada em carne pressiona incessantemente para a humanização e porque a fé na salvação pessoal e a irmandade eclesial “no Senhor” estão abertas para a irmandade “na carne” em direção das ordens sociais seculares. A humanidade plena, conforme trazida por Jesus, abarca a salvação pessoal na fé, a irmandade no Senhor e o amor em todos os relacionamentos com o semelhante neste mundo. Quando se tenta prescindir das necessárias conseqüências da fé no âmbito social e político, a vida integral na fé não é viável sem nefastas contradições. Já em Justino, o mais importante apologista do séc. II, essa estranha contradição é nitidamente visível. Por um lado ensinava que era melhor “liberar as pessoas do que escravizá-las”, mas por outro reivindicava ao mesmo tempo em que sua legislação seria fundamentada e justificada divinamente, uma legislação que ele havia adotado sem questionar a sistema social do entorno gentílico.

2. Bibliografia sobre as cartas a Timóteo, Tito e Filemom

- BENGEL, Johann A. Gnomon, Auslegung des Neuen Testaments in fortlaufenden Anmerkungen, vol. II, Stuttgart 7ª ed. 1960
- BRANDT, Wilhelm. Das anvertraute Gut, Eine Einführung in die Briefe an Timoteus und Titus. Hamburgo 2ª ed. 1959
- DIBELIUS, Martin. Die Pastoralbriefe, 3ª ed. revista por Hans Conzelmann, Tübingen 1955
- FRIEDRICH, Gerhard. Der Brief an Filemon, in: Das Neue Testament Deutsch vol. 8, 13ª ed. Göttingen 1972
- GUTHRIE, Donald. The Pastoral Epistles, An Introduction and Commentary, Londres 1957
- HOLTZ, Gottfried. Die Pastoralbriefe, in: Theologischer Handkommentar zum Neuen Testament, vol. XIII, Berlin.
- JEREMIAS, Joachim. Die Briefe an Timoteus und Titus, NTD 4, Göttingen 4ª ed. 1947
- LOHSE, Eduard. Die Briefe an die Kolosser und an Filemon, Meyers Kritisch-Exegetischer Kommentar IX/2, 14ª ed. Göttingen 1968
- MICHEL, Otto. Grundfragen der Pastoralbriefe, in: Auf dem Grunde der Apostel und Propheten, FS T. Wurm, ed. Loser, Stuttgart 1948
- SCHLATTER, Adolf. Die Kirche der Griechen im Urteil des Paulus. Eine Auslegung seiner Briefe an Timoteus und Titus, Stuttgart 2ª ed. 1958
- SIMPSON, E. K. The Pastoral Epistles, The Greek Text with Introduction and Commentary, Londres 1954
- SPICQ, P. C. Les Epîtres Pastorales, Librairie Lecoffre, Paris 3ª ed. 1947
- WOHLENBERG, D. G. Die Pastoralbriefe, in: Kommentar zum Neuen Testament, ed. Theodor Zahn, Leipzig.

¹Bürki, H. (2007; 2008). *Comentário Esperança, Carta a Filemom; Comentário Esperança, Filemom* (4). Editora Evangélica Esperança; Curitiba.